



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



**SUELI VILELA MACHADO**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
ESCALANDO OS DEGRAUS DO SABER ENSINAR**

Ji-Paraná/RO 20 de novembro 2017

**SUELI VILELA MACHADO**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
ESCALANDO OS DEGRAUS DO SABER ENSINAR**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof<sup>a</sup> Msa. Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO 20 de novembro  
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



## **MEMORIAL DE FORMAÇÃO: ESCALANDO OS DEGRAUS DO SABER ENSINAR**

**SUELI VILELA MACHADO**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

---

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

---

Presidente: Prof<sup>ª</sup> Msa. Gicele Sucupira Fernandes

---

Membro: Prof. Dr. Wendell Fiori de Faria

---

Membro: Prof. Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano

Ji-Paraná/RO 01 dezembro 2017

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a DEUS pela vida, e saúde, e pela capacidade e oportunidade que ele me concedeu de estar cursando uma faculdade.

Agradeço a meus pais por ter me educado de forma tão carinhosa, e me ensinado os bons princípios, e terem me inspirado a cursar uma faculdade, uma vez que eles não tiveram a mesma oportunidade.

Agradeço a minha família, meu esposo e minhas filhas pela compreensão e apoio que me oferecem.

Aos meus professores, tutores e orientadores pelo direcionamento dos caminhos que foram percorridos no decorrer do curso.

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.*

**(Paulo Freire)**

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. MINHA ORIGEM.....	8
1.1 Adeus Paraná, Rondônia à vista. ....	11
2. INÍCIO DA CARREIRA ESTUDANTIL.....	13
3. GINÁSIOS E SEGUNDO GRAU.....	16
4.EM BUSCA DO ENSINO SUPERIOR .....	18
4.1 A universidade e os percalços do caminho.....	19
4.2 Aprendendo na prática.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
REFERÊNCIAS .....	26

## APRESENTAÇÃO

A finalidade deste memorial é descrever de forma contextualizada minha trajetória educacional, desde o antigo primário até a universidade. Escrever esse memorial é trazer para o presente, momentos importantes vivenciados em diferentes situações, nas diversas etapas da vida, destacando acontecimentos que foram fundamentais na construção da minha vida pessoal e acadêmica, enfatizando suas construtivas contribuições no processo de ensino aprendizagem, como também as experiências e aprendizado que o curso de pedagogia tem proporcionado.

No decorrer dessa narrativa pretendo apresentar acontecimentos marcantes ocorridos em minha caminhada estudantil, profissional e acadêmica e contextualizá-las com as teorias estudadas durante o curso de Pedagogia. Será gratificante rememorar parte da minha história, descrever experiências e transformações percebidas e adquiridas no decorrer dessa jornada, que não foi fácil, mas que está valendo a pena.

No primeiro capítulo deste memorial relatarei alguns fatores importantes da minha história de vida os quais me impulsionaram a chegar até aqui, falarei sobre minhas origens, quem sou eu, de onde vim. Tratarei da minha trajetória estudantil do primário até o colegial no segundo e terceiro capítulo. No quarto capítulo, apresentarei a minha experiência na universidade e no estágio supervisionado. Por fim, discorrerei sobre a importância de viajar no passado e descrever um pouco da minha história os quais foram degraus escalados nessa eterna escalada do aprender ensinar.

## 1. MINHA ORIGEM

Nasci no dia 10 de dezembro de 1979, na cidade de Grandes Rios, interior do Paraná. Sou filha de Elcino Sales Machado (in memoriam) e Marizete Vilela Machado, ambos são capixabas, naturais do Espírito Santo. No ano de 1962 foram para o Paraná em busca de trabalho. Nessa época meus pais eram muito jovens, não tinham pretensões de namorar ou casar. Eram amigos, ou melhor, primos. Primos? Sim, primos. O meu avô paterno é irmão do meu avô materno. Antigamente era muito comum essa forma de relacionamento, pois as famílias eram muito numerosas e viviam próximas.

Alguns anos depois, meu pai se casou com minha mãe e começou a trabalhar nas lavouras de algodão e café. Como eles não tiveram oportunidade de estudar devido o difícil acesso à escola, distância e principalmente pela necessidade de auxiliar os pais no trabalho laboral para garantir o sustento da família, tiveram que enfrentar a vida dura daquela época. Meu pai nunca frequentou escola e minha mãe estudou até a 2ª série.

Poucos filhos tinham o incentivo dos pais para estudar. A prioridade era o trabalho, a maioria das crianças abandonava a escola, outros estudavam somente até a 4ª série e paravam para ajudar nas atividades do campo ou domésticas. As que terminavam o primário já garantiam alguma diferenciação profissional, as que concluíam o ginásio tinham grandes chances de ter bons empregos. A maioria que conseguia terminar os estudos era de classe social mais elevada. A desigualdade social predominava em muitas famílias que eram de baixa renda, os filhos, muito cedo tinham que ajudar os pais nos trabalhos laborais.

Meus três irmãos mais velhos não conseguiram terminar o 2º grau na idade certa. O mais velho deles desistiu na 5ª série, porque queria trabalhar e ter suas próprias coisas. Minha irmã desistiu na 7ª série, minha mãe arrumou trabalho para ajudar meu pai nas despesas de casa e minha irmã era quem cuidava dos irmãos mais novos. O terceiro irmão também desistiu na 5ª série porque havia reprovado duas vezes na mesma série e não quis mais estudar. Os três concluíram os estudos depois de adulto através da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Minha irmã conseguiu terminar os estudos e ingressou na faculdade, recentemente ela se formou em pedagogia.

A partir da trajetória dos meus irmãos, penso que garantir o acesso à escola não é o suficiente. É necessário criar condições para que o aluno permaneça, saia com êxito e supere a desigualdade social e racial que em pleno século 21 ainda permeia a educação brasileira.



Os anos passaram, tivemos alguns avanços, mas a defasagem escolar permanece. O índice de analfabetismo é considerado alto, a falta de adequação da idade ao grau de ensino também é um fator problemático, há muita desigualdade na educação, o que ainda é um dos grandes desafios da educação brasileira.

A Constituição Federal de 1988 traz em seu texto não somente o acesso à escola, mas o pleno progresso dos indivíduos a partir da educação, o que manifesta a pertinência de uma educação de qualidade. A constituição garante esse direito, mas a prática é inversa, há muitos alunos que mal chegam à escola e não permanecem, outros não conseguem concluir o 2º grau, sem falar daqueles para quem a faculdade é um sonho bem distante, outros talvez nem sonhem mais com curso superior.

Minha família era humilde, meus pais criaram oito filhos com muita dificuldade financeira. Não tínhamos muita coisa. Moramos sempre em casas ofertadas pelos patrões, donos das lavouras. Faltavam-nos muitas coisas essenciais, mas nunca chegamos a passar fome. Brinquedos nem pensar. Usando a imaginação e a criatividade inventava nossos próprios brinquedos.

O mais importante nunca nos faltou, como amor, carinho, cuidado e a alegria de ser criança, nosso lazer era brincar na rua ou nos quintais até escurecer. As brincadeiras daquela época eram; rouba bandeira, queimada, bola de gude, pula corda, barata, pé de lata entre outras, pois não havia a tecnologia, que existe hoje, com televisão, games, tablete, celular, smartphone. No meu caso, nem luz elétrica e água encanada tínhamos, por isso a maioria das brincadeiras era em grupo e acontecia na rua e em frente a minha casa ou na casa minha avó.

As transformações tecnológicas na sociedade têm transformado a maneira de muitas crianças brincarem, jogos de computadores e brinquedos eletrônicos tomaram o lugar das brincadeiras em grupo e tornou o brincar mais individualizado. Muitas crianças preferem passar horas dentro de casa jogando vídeo games ou manuseando um celular, em frente à televisão, do que sair para brincar com outras crianças. Para Içami Tiba, as crianças precisam brincar com crianças, pois “é através do convívio com outras que elas se veem, trocam olhares e se identificam, formando uma autoimagem de si mesma”. (TIBA, 2012, p.89).

O brincar em grupo favorece a interação e a inserção social, possibilita o resgate de valores sociais que são essenciais para o seu desenvolvimento que acompanharão por toda vida. É brincando que a criança aprende a ser gente e a viver em sociedade. Nossas

brincadeiras eram livres, o brincar livre ou orientado favorece o desenvolvimento global da criança em todos os aspectos. Brincávamos até o sol se por, em noite de lua cheia aproveitávamos a claridade do luar e novamente lá estávamos brincando. Ao lembrar-me da minha infância vem à memória o poema de Cassimiro de Abreu, “Meus oito anos.” Em um trabalho de literatura no ginásio a professora pediu para fazer grupo de três e recitar poemas, e o poema escolhido para o meu grupo foi “Meus oito anos”. A primeira vez que li percebi que aquele poema combinava comigo e trazia consigo o sabor da minha infância:

Oh! Dias da minha infância!  
 Oh! Meu céu de primavera!  
 Que doce à vida não era  
 Nessa risonha manhã!  
 Em vez das mágoas de agora,  
 Eu tinha nessas delícias  
 De minha mãe as carícias  
 E beijos de minha irmã! .

Oh! Que saudades que tenho  
 Da aurora da minha vida,  
 Da minha infância querida  
 Que os anos não trazem mais!

(Casimiro de Abreu)

Recordo-me das manhãs quando acordávamos depois do café eu e alguns dos meus irmãos saímos pelo quintal a contar quantas flores desabrocharam naquele dia, outras vezes capturávamos borboletas somente para admirar a sua beleza, disputando quem pegava as mais bonitas. Eram tempos de simplicidade e inocência, talvez seja por isso que a marca da infância querida continua cravada em minha alma.

Nessa época meus dois irmãos mais velhos já estudavam e várias vezes minha irmã levava-me à escola também, deveria ter meus quatro aninhos. Era uma escola simples e típica de comunidade rural. Havia somente uma sala multisseriada, uma cozinha pequena onde os próprios alunos preparavam a merenda, uma escola humilde, mas muito acolhedora.

Lembro-me como se fosse hoje a imagem da professora Ivanir, muito simpática com seu guarda pó de cor branca. No primeiro dia que acompanhei minha irmã a escola, ela me tratou com muito carinho, deu-me lápis de cor e caderno para desenhar e pintar, livro para folhear, e colocou-me sentada em sua mesa na frente, próximo à porta.

Mesmo com tantos alunos para se dedicar, o tempinho que lhe sobrava ela ensinava-me as vogais, o famoso a, e, i, o, u. Apesar de não ter obrigação nenhuma de me ensinar, essa atitude da professora me marcou, uma vez que nos primeiros dias fiquei receosa

com medo de não ser aceita ou chamar atenção da minha irmã por ter me levado. A atitude tão simples da professora me trouxe segurança e admiração. Todas as vezes que minha irmã me levava à escola a professora me tratava com o mesmo carinho, mesmo não sendo sua aluna, ela agiu de forma contrária ao que eu temia me recebeu com muita bondade e isso me fez admirá-la e lembrá-la com saudade.

Muitas vezes não precisamos fazer muito, uma atitude singela pode fazer muita diferença, principalmente na vida das crianças, sobre isso Paulo Freire afirma que “às vezes mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição a assunção do educando por si mesmo.” (FREIRE, 2013, p.43).

O gesto da professora foi extremamente significativa, pois foi a inspiração para tornar-me uma educadora. Comecei a brincar imitando a professora Ivanir. Passei a ter prazer pelos livros, pegava-os disfarçado de minha irmã e ia para trás da casa. Ali viajava naquelas páginas através das figuras até minha irmã me encontrar e me dar aquele beliscão, ela não imaginava a importância que aquela cartilha tinha para mim. Interessava-me pelas cores, formas e as figuras que a cartilha possuía. Quando minha irmã foi para o quarto ano já não podia me levar mais, porque a professora saiu da escola, em seguida nos mudamos para outro estado.

### **1.1 Adeus Paraná, Rondônia à vista.**

A vida no Paraná não tinha perspectiva de melhora. Meu pai começou a pensar na possibilidade de irmos embora. Alguns tios já tinham vindo para Rondônia anos antes e tinham adquirido um pedaço de terra para trabalhar com a família. Naquele tempo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ainda estava com projeto de colonização e muitas famílias oriundas, principalmente do Sul do país migraram para o estado de Rondônia em busca de terras para suas famílias, como afirma Carlos Teixeira:

Muitos colonos, de fato, ao saírem de seus lugares tinham expectativa de obter terra não apenas para si, mas também para seus filhos e até outras pessoas incluídas em seu grupo doméstico. Nada assim os impedia; e Rondônia era o lugar para onde aquele sonho convergia: (TEIXEIRA, 1999, p.199).

Essa expectativa impulsionou meus familiares a migrarem para Rondônia. No ano de 1984 saímos do Paraná rumo a Cidade de Ji-Paraná. Meus avós paternos e meus tios também vieram. Ao todo éramos aproximadamente seis famílias. Alugamos um caminhão e viemos todos juntos. Viajamos quatro dias e meio para chegar a Ji Paraná. Ao chegar ao nosso destino às coisas não aconteceram conforme meus pais imaginavam. As terras que estavam sendo

distribuídas eram distantes da cidade e havia um alto índice de doenças endêmicas, como malária e febre amarela, entre outras. Minha mãe pensou nos filhos e achou melhor meu pai não se aventurar, pois ele era o único provedor da casa.

Fomos cuidar e morar no sítio próximo à cidade, mas a escola para meus irmãos ficava muito distante. O único meio de chegar à escola era a pé. O percurso demorava cerca de uma hora. Na época das chuvas eles faltavam mais do que iam, porque havia um córrego no caminho que transbordava e não tinha como passar, somente os adultos passava com muita dificuldade. No ano seguinte eu também iria iniciar a carreira estudantil e foi uma preocupação a mais para meus pais. Por sorte, não demorou muito para que meu pai conseguisse um emprego na prefeitura e fomos para a cidade morar de aluguel.

## 2. INÍCIO DA CARREIRA ESTUDANTIL

Ao retornar para cidade, já com sete anos de idade iniciei uma etapa importantíssima em minha vida, comecei a cursar 1ª série na escola estadual Rio Urupá. No primeiro dia de aula fiquei muito assustada ao ver tantas crianças de todos os tamanhos correndo de um lado para outro brincando ,caindo, chorando, brigando. Para mim aquilo era assustador, tive uma imensa vontade de ir embora. O pior estava por vir Era o toque da sirene para o recreio, que lembrava sirene de polícia, porém altíssimo. Fiquei apavorada e muitos alunos se assustaram e outros fizeram até xixi na roupa.

No segundo dia alguns alunos não queriam ficar na escola, inclusive eu, mas com passar do tempo nos acostumamos e até riamos quando nos lembrávamos desses fatos. No terceiro dia de aula fui parar no terceiro ano, errei de sala e lá fiquei por um bom tempo. A professora só percebeu que eu não era da turma, quando olhou meu caderno e viu só rabiscos, em seguida me mandou para a sala certa.

Duas semanas depois do início das aulas foram entregues os livros didáticos. Um dia antes da entrega a professora nos informou que os livros haviam chegado. Fiquei muito ansiosa, não via a hora de pegar meu livro. Quando peguei o livro passei horas e horas folheando. Naquele instante me senti importante, me senti realmente alguém. Mesmo não sabendo ler, ficava observando as ilustrações e inventando minha própria história. A ilustração, como atenta o Pró Letramento faz parte do livro, a imagem também desempenha importante papel no processo de leitura. (BRASIL, 2007, p.19) Por meio das figuras eu fazia a minha leitura de mundo e tudo isso contribuía para que o meu amor pelos estudos crescesse.

Mesmo não tendo incentivo ou ajuda de meus pais, por eles não terem estudado, eu gostava de livros, apesar de não ter opções. Os livros que havia em casa eram os didáticos, meu e de meus irmãos e alguns gibis. Porém, meu pai tinha o hábito de contar histórias. Reunia os filhos na cozinha da casa, onde passávamos horas ouvindo suas histórias. Nesse tempo morávamos em lugares sem energia elétrica e ouvir história era algo instigante para nós. Foi de suma importância para a nossa alfabetização, pois desenvolveu a curiosidade e o gosto pela leitura.

Nos dias atuais muitas crianças não têm esse privilégio. A vida corrida dos pais e a tecnologia transformou o comportamento das famílias. A televisão e a internet ocupam o pouco do tempo livre que muitos pais têm, portanto, são poucas as crianças que mergulham nesse mundo das histórias oralmente contadas pelos pais, que são importantes na interação

entre pais e filhos. As histórias contadas ou lidas ajudam as crianças a fazerem escolhas e se informarem sobre o mundo que a cerca, expandem seu universo cultural e imaginário. Vygostky (1998), nesse sentido, ensina que “no conto de história o mundo representado pela criança não é totalmente o mundo que ela vê, mas simultaneamente, o mundo que ela imagina” (VYGOTSKY, 1998, p.84). Ao ler, ouvir e inventar histórias, a criança recria seu universo, cria seus próprios personagens e vivem novas experiências através da imaginação, enfim, percorre um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo. Meu pai não tinha leitura então ele contava histórias, e eu mergulhava no mundo da imaginação.

Lembro-me também das vezes que sintonizava o rádio do meu pai no programa infantil Encontro com a Tia Heleninha, ouvia escondida, pois precisava trocar a faixa do rádio e meu pai tinha muito medo de quebrar o botão que mudava a faixa de AM para FM. O interessante que ela mesma contava as historinhas numa linguagem bem infantil. Todos os dias no horário do programa eu sintonizava para escutá-la, aprendi muitos contos através desse programa e depois contava para minhas irmãs que ainda não estavam em idade escolar, historinhas como: Joãozinho e Maria, Casa de Chocolate, Princesa Ada, João e o pé de feijão e outras que não me recordo mais.

Ler ou contar história para as crianças é um instrumento muito importante para transformar o universo infantil, dando suporte para imaginação e conseqüentemente estimulando a criatividade. Como assinala Ana Oliveira (2010), a literatura infantil é tão importante para criança como o leite que ela toma, pois um é alimento para seu desenvolvimento físico e o outro para o desenvolvimento intelectual e afetivo.

O conhecimento prévio que adquiri sobre leitura e histórias antes de iniciar a carreira estudantil foram fundamentais para minha alfabetização e para o desenvolvimento de minha aprendizagem. Eles despertaram em mim a curiosidade de conhecer as letras. Aprendi a ler bem rápido. No meio do ano letivo já lia muito bem, comparada a muitas crianças da minha turma.

Já na terceira série foi um ano bastante difícil para mim recorda-me que muitas vezes os professores passavam vários questionários, tabuada, verbos para decorar e recitar na ponta da língua valendo ponto. Mas a minha maior dificuldade mesmo era a Matemática. Os números me deixavam confusa, de forma que eu só aprendia se fosse praticando, alguém me explicando oralmente e me deixando resolver. Dessa forma conseguia compreender alguma coisa. Como não era muito boa em decorar, e muito menos com os números, acabei indo para

recuperação e conseqüentemente fui reprovada por mísero meio ponto.

Fiquei muito triste por ter reprovado e mais ainda por saber que tão poucos pontos ocasionaram a minha reprovação. Isso me fez sentir excluída. Sobre esse sentimento de exclusão Lino de Macedo argumenta em seu livro *Ensaio Pedagógico*, que o ensino de “ontem” era pautado pela lógica da exclusão, pois os alunos que não atendiam certas exigências dos professores ou da escola em termos de aprendizagem escolar ou conduta eram pouco a pouco eliminados, seja pela reprovação ou pelo abandono do próprio aluno mediante as suas dificuldades (MACEDO, 2005, p.33).

Na escola onde estudei os alunos repetentes pela terceira vez não podiam mais permanecer, eram transferidos para outra instituição escolar. Alunos com mau comportamento eram expulsos da escola, não havia acolhimento na tentativa de investigar quais os reais motivos que os levavam a ter tais condutas, para então ajudá-los.

Na 4ª série recordo-me das vezes que a educadora nos levava à biblioteca. Eu lia um livro e depois brincava de ser professora no canto da sala, que era espaçosa. Ali passava o tempo imitando-a com os meus alunos invisíveis. A professora me compreendia, pois nunca me chamou atenção por essa conduta.

Em casa também brincava de aulinha. O giz era um carvão e a lousa era uma parede de madeira, os alunos eram os pés de mandioca. Outras vezes minhas amiguinhas eram os alunos e eu a professora. Esse comportamento surgia porque eu admirava a profissão de professor, desejava ser igual a minha professora. Sobre essa conduta Vygotsky (1998, p.117) ressalta que ao reproduzir o comportamento social do adulto, a criança está combinando situações reais com elementos de sua ação fantasiosa, ou seja, ela transforma toda referência que têm em brincadeiras de fantasias, trabalhando várias áreas do desenvolvimento, como intelectual, emocional, social e cognitivo.

Logo após terminar minha primeira série, mudamos para outro bairro e conseqüentemente mudei de escola, fui estudar na escola Lauro Benno Prediger, Era uma escola recém-inaugurada, comportavam na época aproximadamente 500 alunos. Alguns professores eram rígidos, outros utilizavam métodos bem tradicionais. Muitas escolas nesse tempo eram assim. O aluno não tinha necessidade de compreender, bastava decorar, ou seja, era uma educação bancária, como afirma Freire (2005, p.68.). Era uma educação em que o professor depositava os conteúdos e o aluno só recebia, não tinha voz ativa para questionar.

### 3. GINÁSIOS E SEGUNDO GRAU

Eu tinha certo anseio para chegar ao ginásio, pois era bem distinto do primário. Nessa modalidade eram diversos professores e várias disciplinas. Achava essa dinâmica muito legal diferenciada do que estava acostumada, principalmente por ter que mudar de horário. Sempre estudei à tarde, porém a instituição oferecia o ginásio pela manhã.

No ginásio meu maior obstáculo sempre foi a Matemática, além das disciplinas de Física e Química. Minha cabeça dava um nó ao tentar resolver aquelas fórmulas. Sempre permanecia com nota baixa nessas disciplinas. O que me salvava eram os trabalhos em grupo com a prática e a ajuda dos colegas, assim conseguia solucionar algumas questões.

Com as mudanças atuais e a inserção de novas metodologias, criou-se um leque de possibilidades que ajudam o professor a ter mais liberdade para mudar sua maneira de orientar, fazendo com que o aluno compreenda melhor os conteúdos. Sinto falta de muitas coisas daquela época que hoje não se vê mais, principalmente a forma de organização e o respeito que os alunos tinham pelo professor. Havia fila ao entrar para sala, para merenda. Tudo muito bem organizado. No dia de cantar o hino Nacional todos faziam fila em ordem olhando para as bandeiras, enquanto elas eram hasteadas. O respeito prevalecia. O professor era admirado e imitado por seus educandos. Muitos alunos sonhavam em seguir a carreira de seus mestres.

Quando terminei a 8ª ano foi um período preocupante, tanto para mim, quanto para os meus pais, pois a escola que eu estudava não oferecia o Ensino Médio, antigo 2º grau. As escolas com vagas disponíveis eram distantes e precisava utilizar meio de transporte público, que naquele tempo era escasso, além das aulas, acabarem tarde. Muitas vezes cheguei, em casa à meia noite debaixo de chuva, pois o ponto do ônibus ficava longe da minha casa. Não queria desistir. Já tinha perdido um ano no primário, não queria ficar para trás novamente.

Quase no meio do ano meu irmão desistiu e eu prossegui. Algumas vezes meu pai me buscava no ponto de ônibus, outras vezes eu voltava com meu amigo. Apesar das dificuldades queria continuar, mas lamentavelmente precisei parar. Meu colega, que era minha companhia, desistiu e meu pai começou a trabalhar à noite, então não tinha como me buscar. Voltar sozinha era muito arriscado, pois no bairro em que eu morava havia ruas muito desertas e escuras.



No ano seguinte retornei à escola anterior, que começou a ofertar o 2º grau. Foi uma escola marcante, onde vivenciei diversas fases da minha vida, desde a 2ª série até finalizar o ensino médio. Fiz muitas amizades que continuam até os dias de hoje e foi onde tive a oportunidade de estudar, encontrar o amor da minha vida, que hoje é meu esposo. Atualmente, é a escola onde a minha filha mais velha estuda. Sempre que vou a essa escola tenho belas recordações.

Nessa trajetória do ginásio e 2º grau tive vários professores que foram essenciais na minha carreira estudantil, mas destaco em minha memória a professora Jackeline que ministrou a disciplina Educação Artística atual Arte, por sua forma divertida e diferenciada de ensinar. Em uma de suas aulas ela nos ensinou a fotografar, nos levou à parte externa da escola, onde fotografamos flores, árvore, galhos, insetos, pessoas. Em outras aulas nos ensinou a fazer símbolos de alguns times de futebol com ponto cruz. O engraçado foi ver os meninos bordarem. Nem todos faziam. Para eles ela deixava livre, participava quem quisesse.

No 1º ano do segundo grau destaco meu professor de química, Valdecir. Como não compreendo muito bem os cálculos, sempre tive dificuldade na disciplina de química. O professor Valdecir não usava nenhum método inovador, ele simplesmente utilizava sua paciência e dedicação para ensinar os alunos com dificuldade. Ele não tinha pressa em ministrar os conteúdos, se possível ele procurava atender individualmente quem tivesse mais dificuldade. Essa forma de ensinar me ajudou a compreender a disciplina e ficar com boas notas nesse período.

#### 4. EM BUSCA DO ENSINO SUPERIOR

Ao termino do 2º grau minha intenção era prestar vestibular e começar um curso superior, mas não foi tão simples assim. O vestibular era muito complicado, sobretudo para alunos que cursaram escolas públicas. Naquele tempo não existiam programas sociais para universidade, como encontramos hoje. Mesmo existindo os programas sociais, muitos estudantes da classe popular não têm oportunidade de ingressar nas universidades, devido às situações financeiras e também as deficiências existentes no ensino regular. Muitos não conseguem boas notas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), sem contar os que chegam às universidades e não conseguem acompanhar os conteúdos e desistem, pelo fato de não terem tido um ensino regular de qualidade, então o aprendizado não acontece de forma satisfatória.

Naquela época, o curso oferecido pela UNIR (Universidade Federal de Rondônia) era na área de Ciências Exatas e Pedagogia. Como eu não era muito íntima dos números, o curso que mais me identificava era pedagogia, o qual era ofertado no período diurno, como eu trabalhava, não havia a possibilidade de conciliar as duas coisas.

Nesse intervalo fiz alguns cursinhos de capacitação, que posteriormente me ajudaram a conseguir um emprego melhor. Alguns anos depois o curso de pedagogia estava sendo ofertado também no período noturno, então prestei vestibular, por duas vezes, consegui passar na prova objetiva, mas na discursiva não. O tempo passou, mudei de emprego e comecei trabalhar numa loja de confecções como faturista, onde tinha horário para entrar, mas não tinha horário certo para sair.

Em seguida me casei e ficou ainda mais difícil. Por duas vezes tentei o ENEM, mas sem sucesso. As deficiências na formação do ensino fundamental e médio colaboraram para reprovação. O tempo era escasso para fazer cursinhos atualizar meus conhecimentos, devido à correria do dia a dia, percebia que o meu sonho estava cada vez mais distante de ser realizado. O tempo já não era o mesmo de alguns anos atrás, depois que chegam os filhos fica ainda mais complicado. Aquela menina do primário que gostava de ler cresceu seu tempo livre que era dedicado à leitura, foi substituído pelo trabalho para ajudar na renda familiar. Os anos passaram seu tempo continuou a serem substituído agora pelo trabalho, atividades domésticas, marido e filhos.

#### **4.1 A universidade e os percalços do caminho**

Anos depois, soube que estava aberta a inscrição para o vestibular para o curso de Pedagogia EAD UNIR em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), então vi uma oportunidade ímpar de realizar o sonho de cursar uma faculdade, principalmente, por ser a distância, portanto, estava dentro das minhas possibilidades.

No primeiro dia da prova foi o maior alvoroço. Perdi a hora, os portões já estavam quase fechando, por pouco teria perdido a chance. A prova estava muito complexa, achei que não iria ser aprovada novamente. Os dias passaram, e até esqueci-me de olhar o resultado, mas certo dia recebi um telefonema da minha cunhada dizendo que meu nome estava na lista dos aprovados em Ji-Paraná. Que alegria! Não acreditei, mas lá estava eu, aprovada em Pedagogia.

Ansiedade era grande para o início das aulas, que foi em outubro de 2011. Na nossa sala havia muitos alunos, um total de 50 matriculados. Começamos todos muito entusiasmados, com a grande expectativa, mas no ano seguinte iniciaram os percalços. O ano letivo começou, mas o nosso curso e os demais à distância da UAB ficaram paralisados por dois anos.

Segundo as informações que obtivemos, foi devido à ingerência da administração da época. Nesse período muitos alunos desistiram e outros ingressaram em outros cursos. Até que quase no final de 2013 o curso deu sinal de vida e a esperança floresceu para os alunos que ainda restaram, mas logo paralisou novamente. Foram dias de esperanças e frustrações, vimos o nosso sonho novamente ser adiado. O curso somente foi retomado para valer no ano seguinte.

Durante o curso surgiram vários fatores que me fizeram pensar em abandonar, principalmente, a insegurança de qualquer instante acontecer outra paralisação. Esse receio assombrava todos os acadêmicos, mas felizmente o curso ressurgiu de verdade e as aulas continuaram.

No decorrer do curso de pedagogia estudamos várias disciplinas que foram fundamentais para minha formação a seguir discorrerei sobre algumas delas. Na disciplina de Tecnologia da informação e Comunicação estudamos o uso da tecnologia para formação acadêmica à distância. A disciplina ficou marcada em minha memória, porque foi uma das

primeiras que tivemos com a professora presencial. Ela passou um trabalho em grupo para apresentar. Formamos o nosso grupo e começamos a nos reunir para elaboração do trabalho. No dia da apresentação parecia que eu ia ter o ataque cardíaco de tão nervosa que fiquei. Mesmo com tremedeira e tudo consegui apresentar a minha parte e isso foi muito interessante. Foi um desafio a mim mesmo. Depois de tanto tempo fora da escola era como se fosse à primeira vez, mas agora com uma grande carga de responsabilidade por se tratar de um trabalho acadêmico. Nosso grupo foi enaltecido pela professora. O interessante foi afinidade que tivemos umas com as outras, por isso o grupo permanece até hoje.

Matemática foi uma matéria muito interessante. Como não sou muito amiga dos cálculos fiquei apreensiva. O saudoso professor Orestes nos apresentou uma disciplina diferente do que imaginávamos. Ele pediu que elaborássemos figuras geométricas e tangrans, a princípio não sabia nem do que se tratava. Nunca tinha ouvido falar em tangrans, já havia visto figuras nesse formato, mas não sabia que as peças tinham esse nome, para mim foi uma descoberta. Foi muito bom trabalhar essa disciplina porque possibilitou mais união, interação e diversão entre os acadêmicos. A agilidade em corrigir nossos trabalhos e atenção que o professor tinha conosco mesmo a distância foi fundamental para eu discorrer sobre essa disciplina.

Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi uma matéria relevante. O professor Wendell nos propôs uma pesquisa de campo com alunos da EJA. O complicado foi conseguir uma escola que ofertasse essa modalidade, pois em Ji-Paraná só tem três escolas que oferece. Com muito sacrifício fui aceita na escola que ficava, mas próxima a minha casa. A sala era multisseriada, de 1ª série a 4ª série, com aproximadamente 13 alunos com idade entre 17 a 67 anos. A princípio os alunos queriam se recusar a responder as questões, que eram direcionadas a eles, pois naquela mesma semana outras turmas já haviam feito pesquisa com eles.

A professora muito simpática conversou com a turma a fim de convencê-los a colaborar, também expus necessidade que tinha de fazer a pesquisa, então concordaram. Assisti às aulas durante três dias e foi muito gratificante porque nos tornamos colegas e pude ouvir várias histórias diferentes. Aprendi com eles que mesmo com as dificuldades que tiveram por não terem iniciado o ensino na idade certa e as dificuldades que muitos têm em prosseguir, pois muito deles trabalhavam em serviços pesados e outros já com a visão enfraquecida, ainda persistem e anseiam em prosseguir aprendendo.

A apresentação desse trabalho foi importante para desenvolver em mim a oralidade, uma vez que tenho dificuldade para falar em público ou explicar algo e o professor me oportunizou isso. Acredito que se houvessem mais apresentações teriam me ajudado gradativamente a superar minhas dificuldades. Durante o curso fizemos somente três apresentações, que ocorreram nas disciplinas mencionadas e nas de estágio.

O curso de pedagogia me fez vivenciar experiências que levarei por toda vida, pois através dele descobri um mundo totalmente novo, uma vez que estava parada no tempo, dedicando-me ao trabalho e a minha família. O curso ampliou meus horizontes, mudou a minha maneira de pensar e agir, a desenvolver melhor o meu senso crítico. Hoje consigo me expressar com mais facilidade, assimilar melhor as coisas. A graduação despertou em mim o desejo de continuar aprendendo e aprimorando e a descobrir novas habilidades.

No decorrer do curso tivemos várias pessoas que foram importantíssimas nesse processo de formação, as tutoras daquela época Tais, Flavia e Rosenilda, que não mediram esforços em nos ajudar, animando-nos, incentivando e apoiando. Aqui estamos graças a nossa perseverança e com apoio atual da nossa tutora Edvânia, estamos ansiosos para concluir esta etapa tão sonhada.

#### **4.2Aprendendo na prática**

O estágio foi um dos momentos mais temidos e um dos meus maiores desafios no decorrer do curso. Como sou tímida, imaginei que teria dificuldade em trabalhar na prática, mas foi surpreendente. Posso dizer que eu me superei diante das minhas insignificantes expectativas, onde tive a certeza que realmente me identificava com o curso de pedagogia. De acordo com Maria Alice Buriolla (1999, p.10) “o estágio é o locus onde a identidade profissional é gerada construída e referida”. Portanto, o estágio não só auxilia na descoberta da identidade profissional, como também nele temos noção dos desafios que enfrentaremos ao longo da nova etapa profissional.

Todas as fases do estágio foram extremamente importantes, mas a regência foi um dos momentos que eu mais ansiava e ao mesmo tempo me amedrontava devido o peso da responsabilidade que temos ao ensinar.

Além da regência em sala, tive o privilégio de substituir a professora por mais um dia. Nessa oportunidade, apliquei a aula de matemática, trabalhei com frações, dando seguimento ao conteúdo já iniciado pela professora. Foi uma aula bem divertida. Utilizei

uma dinâmica de jogos, corrida das frações, separei oito grupos de três alunos, foram distribuídas cartelas representadas às frações e carrinhos e dados com numerador e denominador, a intenção e aprender brincando oportunizando a efetivação do conhecimento de forma prazerosa intencional e fundamentada. Assim que a aula estava quase terminando fui surpreendida com várias cartinha que alguns alunos escreveram, senti-me muito feliz e realizada por saber que em tão pouco tempo pude não só contribuir com aprendizagem, mas também cativa-los de forma carinhosa.

Os estágios me fizeram perceber os grandes desafios que os educadores possuem em suas mãos perante a prática escolar. O educador é referência, e os alunos depositam nele total confiança, fazendo com que essa carga de responsabilidades seja ainda maior. É um trabalho árduo, mas é gratificante saber que você pode contribuir com um futuro brilhante de uma criança, que você foi à peça fundamental no ensino e aprendizagem desse aluno. Essa satisfação é incalculável.

Pude perceber que o processo de ensino e aprendizagem exige envolvimento, discussões, reflexões, saber ouvir, respeitar as vivências e contribuições dos alunos. Conhecer um pouco mais sobre as rotinas e os desafios da Educação, estar em contato com crianças de vários níveis sociais, me fez refletir sobre a importância do professor estar preparado para enfrentar os desafios da profissão.

Por fim, entendo que “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”! (FREIRE, 1987, p.78). A busca pelo conhecimento precisa ser constante, assim como ação e a reflexão dos trabalhos desenvolvidos, pois estamos diante de crianças, sedentas por aprender e esperando algo significativo que supra as suas necessidades e expectativas. Precisamos oferecer a eles o que temos de melhor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que estava preocupada sobre como seria o nosso Trabalho de Conclusão de Curso, pensei em mil e um assuntos, mas qual abordar? Meu medo era que fosse trabalho de campo e pesquisas que demandassem muito tempo, pois na fase que estou agora isso seria muito difícil para mim, que sou mãe de três princesas ainda pequenas e uma delas é um bebê que é dependente 24 horas por dia. Quando soube que seria um memorial: ai que alívio! Pois esse poderia escrevê-lo até de madrugada se não tivesse tempo no decorrer do dia. Pensei que legal! Tenho tantas histórias para contar da minha infância humilde, mas rica de alegria e encantos.

Conforme fui recebendo as orientações percebi que não era tão simples assim, não é só narrar a minha trajetória estudantil, mas fundamentá-la teoricamente expressando na escrita às experiências adquiridas, as quais têm contribuído para minha caminhada educacional, profissional e pessoal. É um exercício de interrogação de nossas experiências passadas para retomar não só recordações e lembranças, mas também informações que conferiram novos sentidos ao nosso presente. Nesse sentido, Eclea Bosi ressalta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1979, p.17).

Nesse sentido estamos dando significado a nossas lembranças que nos irão auxiliar na reflexão da própria prática, onde podemos compartilhar com diferentes interlocutores possibilidades de fazer o novo ou de reinventar o vivido. Assim como mergulhamos nos livros e nos apropriamos das memórias de outros para encontrar acontecimentos que deem significado a nossa prática cotidiana. Esse foi um exercício de autoconhecimento, e para mim será um grande prazer poder relembra acontecimentos da infância e de toda trajetória educacional.

A escrita do Memorial contribui de forma significativa para o desenvolvimento profissional dos professores, pois o ato de rememorar propicia a reconstrução da memória em um todo, é um elo afetivo e intelectual e ainda possibilita a organização das experiências. Desse modo, podemos dizer que a prática de cada docente é fruto de sua história e ele é protagonista das práticas educativas e de sua formação, é capaz de construir a si próprio, de repensar criticamente sua prática através dos saberes e experiências adquirida ao longo da vida.

Nessa perspectiva ao assumir o seu papel profissional, o professor leva consigo a sua história. Cabe ele significá-las aproveitando as experiências para construir e auxiliar com sua praxe profissional, e tirando lições do que ele gostaria de não recordar. Então podemos afirmar que escrever um Memorial é ir além do relatar sobre um determinado fato, ele perpassa a escrita em um processo formativo e reflexivo, onde mergulhamos no passado para transformar as nossas atitudes e ações do presente. O memorial é instrumento importante para formação acadêmica, é um mecanismo de reflexão, onde temos a oportunidade de darmos significado aos momentos vivenciados mais relevantes para nossa vida profissional e pessoal. Dessa forma poderemos construir e reconstruir, traçar e projetar uma nova direção daquilo que ainda pretendemos alcançar ou conhecer como eternos aprendentes.

Nós professores não somos detentores do conhecimento. Ensinar consiste em trocas de conhecimento, ao ensinar estamos também aprendendo e o aluno ao aprender está sempre ensinando. Podemos afirmar que aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo, ou melhor, como salienta Macedo “ensinar supõe ao mesmo tempo considerar-se como aluno que deseja aprender. Um aluno que será sempre ele” (MACEDO 2005, p.58).

Concluo meu memorial com a certeza de que tudo que passei e vivenciei, desde a infância até os dias de hoje serviu para meu crescimento e aprendizado, mesmo vindo de uma família humilde com situação econômica precária. Nunca me faltou o essencial que foi amor carinho e alegria, a alegria do brincar livre nos quintais nas ruas sem pressa, sem medo. A inocência ainda existia mesmo nas crianças maiores, o mundo era diferente as pessoas se amavam mais, se respeitavam mais, mas precisei crescer e enfrentar a vida e seus desafios, correr em busca dos sonhos, pois nós adultos vivemos de sonhos, uns têm mais oportunidades para realiza-los e outros talvez deixem escapar. Certo é que, sonhar é preciso e realizar é gratificante. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, sempre venci com sorriso no rosto e alegria no coração, e para mim foi uma experiência incrível dar uma volta no passado, e encontrar lembranças que continuam vivas e outras já adormecidas pelo tempo.

Posso afirmar que estou realizando meu o sonho de infância, embora várias vezes indaguei, será isso mesmo que eu quero? Ninguém respeita mais os professores, não valorizam como merecem a maioria dos jovens não querem essa profissão tão árdua, mas ao mesmo tempo tão importante para uma nação. Essas indagações surgiram no decorrer da minha trajetória, percebi que ainda hoje esse sonho continua vivo, mas não na mesma de intensidade de ontem, pois os tempos mudaram, ao pesar na balança a vida de um educador,



surge o desejo de seguir outros caminhos, além da pedagogia.

O momento marcante que me fez acender um pouco mais esse desejo de infância foram os estágios supervisionados, onde pude conferir a teoria com a prática e reafirmar que ser professor é uma das mais nobres profissões onde temos a responsabilidade não só de ensinar mais também de formar cidadãos.

Ao seguir carreira profissional terei um grande desafio pela frente, de ser uma educadora reflexiva, inovadora, ter um diferencial e levar meus alunos a serem pessoas pensantes e atuantes na sociedade. Terei de ser serena ao colorir o mundo das crianças para ajudar no crescimento de seu intelecto, do qual terei bons frutos, frutos dignos de meus esforços.

Jean Piaget resumiu minhas pretensões ao afirmar que “A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram” (PIAGET, 1970, p.53).

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRASIL. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Pró-Letramento- Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental**: alfabetização e linguagem. Brasília, 2007.
- BURIOLLA, M. A. **O Estágio Supervisionado**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Pedagogia do Oprimido**, 43<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa /Paulo freire 45<sup>a</sup> Ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- MACEDO, Lino. **Ensaio pedagógico**: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.
- PIAJET JEAN (1970). *Epistemologia genética*, (1990) São Paulo: Martins Fontes.
- TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Visões da Natureza. Seringueiros e Colonos em Rondônia**. São Paulo, EDUC/FAPESP, 1999.
- TIBA. Içami, **Quem Ama Educa!** Formando cidadãos éticos. São Paulo: Integrare, 2012.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.